

O PAPEL DOS EXERCÍCIOS NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ana Maria Garcia Mouraⁱ
Universidade Federal de Sergipe
Email: mouramgm24@gmail.com

RESUMO

O que é, afinal, um exercício? Quais suas especificidades? Quais as relações entre exercícios e disciplina escolar? Qual a função dos exercícios ao longo da história da educação brasileira? Com base nestas indagações foi organizado este texto com o propósito de discutir sobre como os exercícios, atividades (leitura, escrita, oral) estiveram presentes nas práticas educacionais ao longo da história da educação brasileira. Ora como estratégias de aprendizagem, de memorização, fixação do conteúdo; ora como mecanismos de avaliação, os exercícios se constituem enquanto elemento constitutivo da disciplina escolar e são pistas interessantes para se perceber os métodos, as expectativas e as formas de avaliação da aprendizagem que estiveram presente em diferentes momentos da história da educação brasileira.

Palavras-chave: História das disciplinas escolares, História da Educação, Exercícios.

ABSTRACT

What, after all, an exercise? What are their characteristics? What are the relationships between exercise and school discipline? What is the function of the exercises throughout the history of Brazilian education? Based on these questions has been organized this text in order to discuss how the exercises, activities (reading, writing, oral) were present in educational practices throughout the history of Brazilian education. Now as strategies for learning, memorizing, setting the content, sometimes as evaluation mechanisms, exercises constitute themselves as a constituent element of school discipline and are interesting clues to understanding the methods, expectations and ways of learning assessment that were present at different moments in the history of Brazilian education.

Keywords: History of school subjects, History of Education, Exercises.

INTRODUÇÃO

A busca por compreender como determinadas práticas e saberes se tornam escolares tem levado muitos pesquisadores, interessados em conhecer a história da disciplina a qual estão vinculados, a desenvolver estudos sobre os elementos que, geralmente, compõem as disciplinas escolares. Essa tendência tem sido chamada, no campo da história da educação, como história das disciplinas escolares.

Mas, a abordagem multidisciplinar da história das disciplinas e a inserção desse tipo de estudo na história da educação só foi possível com a renovação da historiografia da educação no Brasil. Por muito tempo a história da educação no Brasil ficou circunscrita a estudar a história dos sistemas de ensino, os discursos pedagógicos, a legislação, etc. deixando prescindir as práticas escolares e o cotidiano escolar. É a partir da renovação e da ampliação do conceito de fonte trazida pelo movimento dos Annales que novos sujeitos e objetos passam a fazer parte da historiografia da educação.

Segundo Peter Burke (1997:12) o movimento dos Annales buscava substituir a narrativa tradicional dos acontecimentos por uma história-problema, a história deveria ser percebida para além dos fatos e personagens políticos, deveria ser feita a história de todas as atividades humanas e não apenas a política, além disso, a história deveria interagir com outras disciplinas. Essa perspectiva trazida pelos Annales possibilitou a percepção dos objetos em diferentes dimensões e um diálogo interdisciplinar que permitiu à história da educação a utilização de diferentes fontes, abordagens, problemáticas e objetos.

Nessa perspectiva, a faceta mais presente nesse processo de alargamento das fontes e no diálogo interdisciplinar aderido pelos historiadores foi a renovação temática, perceptível no título das pesquisas que passaram a incluir o “inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História.” (LUCA: 2008, p. 113)

Assim sendo, a história das disciplinas escolares é uma linha recente no campo da pesquisa em história da educação, a qual tem suscitado diferentes enfoques e contribuído para a construção de uma visão mais abrangente da história da educação, ao reunir estudos que privilegiam a cultura e as práticas escolares.

Nesse sentido o livro didático apresenta-se como fonte privilegiada para o estudo das disciplinas escolares, já que “é um artefato impresso em papel que veicula imagens e textos

em formato linear e seqüencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar” (FREITAS: 2009). O livro didático composto por textos, imagens, exercícios, além de suporte material dos processos de ensino e aprendizagem é um revelador da cultura e práticas escolares.

Partindo-se da idéia que as estratégias de aprendizagem e avaliação presentes nos livros didáticos têm recebido pouca atenção e as iniciativas são dispersas, este trabalho tem a pretensão de demonstrar como essas estratégias, aqui consideradas como exercícios, atividades (leitura, escrita, oral) têm desempenhado um papel de destaque nos processos de ensino e aprendizagem, sejam eles institucionalizados ou não, ao longo da história da educação brasileira, ou seja, serão abordados a partir de uma perspectiva histórica. Tendo em vista esse pressuposto, foi necessário realizar um recuo através de textos que tratam direta ou indiretamente da utilização desses exercícios e/ou atividades a partir do início do período regencial.

Para tanto, utilizamos na escrita desse trabalho textos que descrevem e discutem os costumes, a educação da elite e da população do Brasil no período regencial como é o caso dos livros “Condessa de Barral: a paixão do imperador” de Mary Del Priore, que apresenta os costumes de uma elite através da trajetória da Condessa de Barral e dos que estavam em volta dela e “Minha Vida de Menina” que é um texto construído a partir do diário de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), o qual possibilita perceber o contexto em que se desenvolvia as práticas escolas, as disciplinas ensinadas, os livros adotados para os jovens, as práticas religiosas, como diferentes segmentos sociais se organizavam e educavam seus filhos no final do século XIX.

Além desses textos, utilizou-se livros, teses, dissertações, artigos que discutem sobre a renovação historiográfica do movimento dos Annales e o alargamento do conceito de fonte, que abordam as disciplinas escolares como um novo campo dentro da história da educação, que tratam das práticas educacionais, institucionalizadas ou não, e que possibilitam perceber a função desempenhada pelos exercícios, o espaço ocupado por eles no ensino dos conteúdos, além disso, pesquisas que abordam o livro didático como fonte de pesquisa e o percebem como um artefato do ambiente escolar possível de várias abordagens. Esses trabalhos foram utilizados com o intuito de identificar a presença dos exercícios em diferentes momentos da educação brasileira e, por conseguinte, justificar o estudo desse elemento que compõe o aparelho docimológico das disciplinas escolares.

Na tentativa de alcançar esse propósito o texto está dividido em três partes além da introdução: a primeira se constitui num levantamento dos trabalhos realizados acerca dos exercícios, principalmente os que se debruçam sobre os livros didáticos; a segunda procura identificar a presença dos exercícios em diferentes contextos e momentos da história da educação brasileira e a terceira destaca a importância de estudar os exercícios dos livros didáticos e as possibilidades de análise desse elemento do aparelho docimológico das disciplinas escolares.

EXERCÍCIOS NOS LIVROS DIDÁTICOS: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS REALIZADAS

Têm sido observadas inúmeras pesquisas realizadas em torno do livro didático as quais discutem seu caráter ideológico, mercadológico, cultural, de instrumento de ensino e seu papel desempenhado nas situações de aprendizagem, etc. Mas, a maioria das pesquisas desenvolvidas, geralmente, focalizam aspectos referentes aos conteúdos conceituais, retirados da ciência de referência, e deixam prescindir o estudo sobre as estratégias de aprendizagem e de avaliação presentes nesse artefato da cultura escolar. Tais estratégias são materializadas através dos exercícios. Para Itamar Freitas (2009) “exercício tanto é componente básico da disciplina escolar, quanto faz parte de qualquer seqüência didática sugerida pelas várias teorias educacionais”.

No entanto, as pesquisas que privilegiam esse aspecto da disciplina escolar são poucas, mas é possível encontrar algumas iniciativas. Luiz Antônio Marcuschi (1996), no artigo intitulado “Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?”, analisa os exercícios realizados através dos manuais escolares para verificar se estes são de fato exercícios de compreensão, atividades que conduzem a reflexão crítica sobre os textos propostos. Com a análise conclui que a maioria dos exercícios presentes nos livros observados não passam de uma descomprometida atividade de cópiação.

Josefa Tapia Salzano (2004), em seu artigo “Análise de um livro didático em língua portuguesa”, destaca dentre os métodos, procedimentos presentes no livro didático os exercícios, e faz um levantamento precedido de comentários sobre os tipos de exercícios¹ por considerar que são intermediários do ensino e da efetiva aprendizagem.

¹ Tipifica os exercícios em: exercício de repetição, exercício de lacuna, exercício estrutural, exercício de reformulação (SALZANO: 2004, p. 289).

Marilu de Freitas Faricelli (2005), em sua dissertação de mestrado intitulada “Conteúdo pedagógico da história como disciplina escolar: exercícios propostos por livros didáticos de história de 5ª a 8ª série”, analisou os exercícios destinados as séries finais do ensino fundamental a partir de categorias baseadas no conhecimento histórico e nos processos cognitivos que eles realizam, pretendeu mostrar que os exercícios realizados durante o processo de aprendizagem constituem parte da maneira como a história se efetivou como uma disciplina escolar, além de procurar evidenciar um percurso da história ensinada, as lutas e os embates de seus sujeitos e verificar se os livros estão de acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e com os critérios de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Ana Seal e André Seal da Cunha (2007), no texto “Livro didático de história de 1ª a 4ª série e as atividades de explicitação: um enfoque nas propostas em pares ou grupos”, refletiram sobre as propostas de atividades desenvolvidas individualmente, em dupla e em grupo que levam o aluno a expressar oralmente seu conhecimento e a adequação dessas sugestões de atividades aos PCN e o tratamento dado aos aspectos pedagógicos.

Circe Bittencourt (2008), em seu livro “Livro didático e saber escolar 1810-1910” dedica um tópico do capítulo quatro para discutir sobre os exercícios e os conceitos de aprendizagem. Dá ênfase aos exercícios como complemento indispensável das obras didáticas e como mecanismos que viabilizam o aprendizado da disciplina e que indicam como o conhecimento deve ser aprendido pelos alunos.

José Cássio Másculo (2008), em sua tese de doutorado intitulada “A coleção Sérgio Buarque de Hollanda: livros didáticos e ensino de história”, dedica um tópico do capítulo quatro aos exercícios escolares no qual faz uma classificação dos exercícios a partir da estrutura destes², com o levantamento que realizou constatou que predominavam os “testes” e os questionários em detrimento dos trabalhos escolares e do uso de mapas.

Maria Auxiliadora Bezerra (2008), em seu texto “Questões discursivas para a avaliação escolar”, descreve e analisa questões discursivas presentes em atividades escolares do Ensino Médio para a avaliação da aprendizagem. Através da análise constatou que as questões discursivas enfatizam as atividades de leitura e escrita de textos e que são perguntas centradas nos conteúdos específicos das disciplinas, privilegiando seus conceitos e que enfatizam o

² Classifica os exercícios em: questões de múltipla escolha, questões em que o aluno deveria assinalar “certo” ou “errado”, exercícios para completar lacunas em texto, para relacionar uma coluna de palavras com afirmações em outra coluna, perguntas para serem respondidas de forma dissertativa, palavras cruzadas e atividades em que o aluno deveria produzir algum tipo de trabalho a partir das orientações contidas no livro didático (MÁSCULO: 2008, p. 154).

desenvolvimento cognitivo dos alunos, sem, contudo, estabelecer relações com aspectos sociais.

Itamar Freitas (2009), no texto “As atividades nos livros didáticos de história regional”, examinou os exercícios em todos os livros didáticos de história regional do PNLD 2007 voltados para as séries iniciais do ensino fundamental. O exame observou os livros a partir de seus aspectos pedagógicos, para tanto verificou a quantidade de exercícios propostos por capítulo/unidade, as ações norteadoras das atividades, os conceitos predominantes (substantivos, metahistóricos), os conteúdos predominantes (conceituais, atitudinais, procedimentais).

Ao analisar esses trabalhos realizados, nota-se que os exercícios foram abordados sob diferente perspectivas, como instrumento de avaliação, como atividades de socialização, mediador do processo de aprendizagem. Nesse sentido, verifica-se que há uma dispersão nas pesquisas que privilegiam o exame dos exercícios, mas, apesar da dispersão, fica claro a relação existente entre estes e a disciplina escolar, isto é, os exercícios fazem parte de um amplo processo histórico e cultural, o da escolarização.

EXERCÍCIOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

O que é, afinal, um exercício? Quais suas especificidades? Quais as relações entre exercícios e disciplina escolar? Qual a função dos exercícios ao longo da história da educação brasileira? Com base nestas indagações foi organizado este texto com o propósito de discutir sobre como os exercícios, atividades (leitura, escrita, oral) estiveram presentes nas práticas educacionais ao longo da história da educação brasileira. Ora como estratégias de aprendizagem, de memorização, fixação do conteúdo; ora como mecanismos de avaliação, os exercícios se constituem enquanto elemento constitutivo da disciplina escolar.

Segundo André Chervel (1990: 207), a disciplina escolar é constituída por um ensino de exposição, pelos exercícios, por práticas de incitação e de motivação e um aparelho docimológico. Nessa perspectiva pode-se afirmar que fazem parte da disciplina escolar os conteúdos, os métodos e a avaliação da aprendizagem.

Os conteúdos constituem os conhecimentos sistematizados de uma dada disciplina que articulam conceitos e informações considerados fundamentais. Estes, por sua vez, estão articulados intrinsecamente com os métodos de ensino e aprendizagem e com os processos de

avaliação. É através dos diferentes métodos que tais conteúdos são apresentados e é por meio dos processos avaliativos que se tem controle sobre o que é apreendido pelo aluno.

Nesse sentido, os exercícios tanto fazem parte dos métodos de ensino e aprendizagem quanto dos processos avaliativos. Sendo assim, estão articulados ao conceito de aprendizagem subjacente as práticas educacionais, o qual pode estar ligado desde a práticas de memorização e repetição a procedimentos mais complexos de aprendizagem.

Aprender significou durante muito tempo memorizar, decorar e repetir. Um modelo de manual muito utilizado nas escolas primárias era o catecismo, este por sua vez, influenciou a forma como a maioria das cadeiras/matérias/disciplinas eram apresentadas e avaliadas. A história, por exemplo, segundo o método do catecismo, era apresentada por perguntas e respostas, as quais deveriam ser repetidas pelos alunos, oralmente ou por escrito (BITTENCUORT: 2004, p. 67).

Sobre a influência do sistema de catecismo afirma Maria Inês Stamatto que uma maneira de estudar a história muito difundida na Europa e que foi trazida pelos portugueses para a colônia foi o sistema de catecismo, no qual o livro compunha-se de um texto seguido por exames, questões cujas respostas encontravam-se literalmente no texto anterior. (STAMATTO: 2008, p. 138)

Esse aspecto da influência do catecismo e da memorização como sinônimo de aprendizagem pode ser percebido nos trechos seguintes retirados do livro “A Condessa de Barral”³, de Mary Del Priore, que trata da forma como a Condessa de Barral e seu irmão iniciaram os estudos, e de “Minha vida de menina”⁴ de Helena Morley⁵ que apresenta o cotidiano de Helena nos diversos espaços que ela transitava, inclusive na escola.

Cedo começou o aprendizado dos dois. Dona Maria do Carmo era a primeira professora. Usavam-se, então, cartilhas de alfabetização e de religião que ensinavam a rezar o pai-nosso, a ave-maria e a **repetir**⁶ as sílabas. Depois se lhes ensinava a escrever as orações, a seguir os artigos, preposições e, finalmente os verbos. Cercados de livros na enorme biblioteca do pai, os irmãos avançavam rapidamente no aprendizado. Luísa fazia exercícios de caligrafia, **decorava** a tabuada e tinha lições. (...). (DEL PRIORE p. 20)

³ Esse livro expõe os costumes e as práticas que permeavam a educação da elite do Brasil colonial e regencial através tendo como enredo principal a relação amorosa que a Condessa de Barral manteve com D. Pedro II, ocupante do trono brasileiro entre 1840 e 1889.

⁴ Este livro, baseado no diário de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), registra o dia-a-dia de Helena Morley, inclusive seu cotidiano no ambiente escolar, por isso, a obra constitui uma fonte expressiva sobre o cotidiano escolar, familiar e religioso do final do século XIX. É uma descrição minuciosa dos costumes da época, através do registro dos acontecimentos que a circundavam a personagem Helena.

⁵ Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970).

⁶ Grifo nosso

Ontem foi dia de **decorar** pontos de Geografia. Eu não tenho mapa e mesmo que tivesse não estudava no mapa; é tão mais fácil **decorar**. A sala de visitas estava vazia e eu me tranquei lá e fiquei estudando alto, passeando de um lado para outro. (MORLEY, 1999, p. 63)

Eu fiquei no Catecismo até saber História Sagrada e Catecismo de **cor e salteado**. Entrei de seis anos e saí de dez. Mas fiquei todo esse tempo porque fui escolhida, com outras, para cantar no coro da igreja, acompanhadas no órgão por uma irmã dele. (MORLEY, 1999, p. 149-150)

Nota-se no trecho escrito tanto por Mary Del Priore quanto por Helena Morley verbos como “repetir, decorar”, tais palavras designam ações como: dizer mais de uma vez e guardar na memória, ou seja, esses verbos indicam as competências que devem ser desenvolvidas pelos indivíduos, explicitam as ações, as estratégias que podem ser utilizadas para que a aprendizagem se efetive. Tal concepção de aprendizagem, centrada na repetição e na memorização, criava uma série de exercícios que davam ênfase à memória. No sistema escolar brasileiro, instituído após a independência, “imperou a *Pedagogia Tradicional*, com conteúdo enciclopédico, a autoridade centrada no professor, as atividades predominantes de repetição e de memorização.” (STAMATTO, 2008, p. 139). A predominância dessa pedagogia tradicional⁷ pode ser percebida através da presença dos métodos simultâneo e mútuo na organização do ensino no período pós independência, já que estes, tinham o professor como agente principal do ensino, exaltavam a memória como mecanismo de bom desempenho e utilização a repetição como estratégia de aprendizagem. (SIQUEIRA: 2009)

O que predominou no século XIX foi a preocupação com o aperfeiçoamento dos métodos mnemônicos. De modo geral, no Colégio Pedro II e nas escolas públicas, o ensino estava centrado nas preleções dos professores e na leitura dos livros que direcionavam os alunos para responder os questionários e arguições. No entanto, segundo Circe Bittencourt (2004, p. 70), o ensino, regido inicialmente por métodos de memorização, desde o final do século XIX vem sofrendo críticas de uma literatura pedagógica que sugeria a necessidade de novos métodos, os chamados métodos ativos, os quais se davam ênfase à participação e ao envolvimento do aluno na aprendizagem.

Em relação a essa crítica ao método que priorizava a memorização, Heloísa Villela em sua tese de doutorado “Da palmatória a lanterna mágica: a Escola Normal e da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)” ao discutir sobre a formação dos normalistas expõe como ocorriam os exercícios e como surgiu a necessidade de torná-los menos mecânicos. Nesse sentido, para exemplificar a mudança de método, afirma

⁷ Entendida na perspectiva de Maria Inês Sucupira Stamatto - *Pedagogia Tradicional* - conteúdo enciclopédico, a autoridade centrada no professor, as atividades predominantes de repetição e de memorização.

que a gramática a partir de métodos renovados opôs-se à lição aprendida de cor e à cópia por um novo tipo de exercício: a análise gramatical e sintática que estabelece uma relação racional entre os termos apresentados (VILLELA, 2002, p. 153). Constata-se dessa forma como aos poucos os métodos considerados ativos foram sendo inseridos nos estudos.

Outro exemplo dessa aderência aos métodos que priorizavam o envolvimento ativo do aluno no processo de aprendizagem é o livro “Metodologia da história na aula primária” (1917) de Jonathas Serrano.

Na obra de 1917, a pedagogia nasce “moderna”, visando reduzir o esforço intelectual e aumentar o rendimento do aluno – diretrizes extraídas dos recentes avanços da psicologia, que se preocupava com “o grau de desenvolvimento da criança”, mas presentes nas assertivas comenianas, recuperadas no século XIX. Assim, a pedagogia científica – isto é, a que se inspirava nas lições da experiência, na observação psicológica, e que procedia **a posteriori** – condenava “por ineficaz e nociva à formação intelectual do aluno a velha idéia de que aprender é, principal, quase exclusivamente, decorar.” (Serrano, 1917, p. 48 e 58). (FREITAS, 2008, p. 102)

Percebe-se nas ideias de Jonathas Serrano uma recusa pelos métodos que privilegiam a pura e simples memorização, isso pode ser percebido também no compêndio de Joaquim Manuel Macedo que exigia decoração, mas por meio da produção de um quadro sinótico e outros esquemas comparativos auxiliam na memorização do que era necessário ser aprendido (BITTENCUORT: 2004).

Embora os chamados métodos ativos tenham sido aos poucos inseridos no ensino, as contradições do sistema de avaliação vigente que exigia o domínio de um extenso conteúdo para ser aplicado nas provas e exames escritos e orais, fazia com que os métodos ligados a memorização permanecessem predominantes.

Com base no exposto acima, pode-se perceber os exercícios como pistas interessantes para se perceber os métodos, as expectativas e as formas de avaliação da aprendizagem. Os exercícios são aqui considerados como práticas para avaliar, verificar e julgar procedimentos, competências e habilidades dos alunos, além de guias que orientam o processo educativo com vistas a alcançar a aprendizagem, nesse sentido, atividades, provas, exames, arguições, sabatinas, etc. presentes nas práticas educativas, sejam elas institucionalizadas ou não, são elementos que possibilitam acompanhar o processo de avaliação da aprendizagem e as formas para alcançá-la, ou seja, as estratégias utilizadas por professores e alunos para operacionalizar os conteúdos a serem ensinados e aprendidos. Outra possibilidade apresentada pelo estudo dos exercícios é identificar o que era considerado essencial que os indivíduos aprendessem

em determinada época, já que nos exercícios exigia-se aquilo considerado fundamental de ser aprendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria das pesquisas que o tem como objeto, geralmente, dão ênfase a disciplina a que estes estão vinculados, quer dizer, aos conceitos e conteúdos que dão forma a tal disciplina, deixando prescindir as questões de ordem pedagógica. No entanto, a própria noção de livro didático – artefato produzido especificamente para ser utilizado em situações didáticas – e suas finalidades exprimem a relação existente entre aspectos pedagógicos e aspectos da ciência de referência.

O livro didático faz parte da tradição escolar e é considerado por muitos pesquisadores como um instrumento fundamental no processo de escolarização. No contexto da educação brasileira em que o professor não dispõe de tempo para a realização de uma série de atividades, o livro didático acaba sendo um organizador das aulas e o principal suporte utilizado pelos docentes, chegando a ser um imperativo. Por sua presença histórica no cotidiano escolar, é de natureza complexa e envolve múltiplos interesses, além de assumir diversificadas funções. Nesse sentido, tomar o livro didático como fonte de pesquisa para identificar as ideias de aprendizagem que lhe dão suporte, é levar em conta as relações que esse artefato possui com a história das disciplinas, já que ele é formado por elementos que compõem as disciplinas (conteúdo, exercícios, etc.).

Dessa forma, pode-se inferir também sobre as relações existentes entre disciplina escolar e exercícios/atividades, segundo Chervel (1990)

Se os conteúdos explícitos constituem o eixo central da disciplina ensinada, o exercício é a contrapartida quase indispensável. A inversão momentânea dos papéis entre o professor e o aluno constitui o elemento fundamental desse interminável diálogo de gerações que se opera no interior da escola. Sem o exercício e seu controle, não há fixação possível de uma disciplina (CHERVEL, 1990, p. 204).

Partindo dessa perspectiva, a de que o livro didático permite visualizar os conteúdos do ensino de uma disciplina e as ideias de aprendizagem subjacente, o estudo dos exercícios do é importante para perceber a(s) concepção (ões) de aprendizagem presente no manual didático, isto é, não basta saber quais os conteúdos explícitos, as tendências historiográficas, é preciso identificar como e com base em que teoria pedagógica o livro propõe que esse conteúdo seja aprendido. Nessa perspectiva, o conjunto de exercícios/atividades presentes nos livros

didáticos são os indícios do que o aluno deve aprender e como deve aprender. Sendo assim, o livro didático não é apenas um livro elaborado para expor os conteúdos de determinada disciplina, é também, um livro pedagógico, que expõe concepções de aprendizagem e metodologias de ensino.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Questões discursivas para avaliação escolar**. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewArticle/425>. Acesso em: 01/06/2010

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-254, 1990.

DEL PRIORE, MARY. **Condessa de Barral: a paixão do imperador**.

FARICELLI, Marilu de Freitas. **Conteúdo pedagógico da histórica como disciplina escolar**: exercícios propostos por livros didáticos de história de 5ª a 8ª série. São Paulo 2005. 163p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREITAS, Itamar. **A pedagogia histórica de Jonathas Serrano: uma teoria do ensino de História para a escola secundária brasileira (1913-1935)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

_____. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (orgs). **Livros didáticos de história: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRN, 2009.

_____. As atividades nos livros didáticos de história regional. In: **I semana de ensino de história**, 2009, Mossoró/RN. (CD ROM)

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais escolares de ensino da língua?** Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, p. 64-82, 1996.

MÁSCULO, José Cássio. **A Coleção Sérgio Buarque de Hollanda: livros didáticos e ensino de história**. São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica/ São Paulo).

MORLEY, Helena. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Cia da Letras, 1998.

SALZANO, Josefa Tapia. **Análise de um livro didático em língua portuguesa**. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/285_42.pdf. Acesso em: 01/06/2010

SEAL, Ana Gabriela de Souza e CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. Livro didático de história de 1ª a 4ª série e atividades de explicitação: um enfoque nas propostas em pares ou grupos. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.).

O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: Editora da UFRN, p. 133-144.

SIQUEIRA, Luís. **De La Salle a Lancaster:** os métodos de ensino na escola de primeiras letras sergipana (1825-1875). São Cristóvão, 2006. (Dissertação de mestrado – Núcleo de Pós-Graduação em Educação).

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Abordagens metodológicas nos livros didáticos de história – ensino fundamental (1ª a 4ª séries) (Brasil 1997 – 2007). In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). **O livro didático de história:** políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: Editora da UFRN, p. 37-52.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. **Da Palmatória à lanterna mágica:** a escola normal da província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876). São Paulo: FE/USP, 2002 (Tese de Doutorado).

ⁱ Mestranda em Educação - Núcleo de Pós-Graduação em Educação - Bolsista Capes